

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

Aveiro

CLERICALISMO E PULHISMO

Foi no periodo da propaganda philosophica e principalmente depois da Revolução que o clericalismo se voltou para a mulher como presa facil e ao mesmo tempo elemento poderosissimo da sua propaganda.

«Assim, diz Paulo Bert, desde o principio do seculo passado, desde a celebre historia do abbade Girard e da Cadière, desde a historia mais celebre ainda de Maria Alacogne, os jesuitas esforçaram-se por dirigir o ensino das raparigas. Não o podiam fazer directamente, porque os estatutos da ordem lh'o prohibiam. Crearam então um grande numero de congregações que não tem nenhuma relação com as velhas congregações que nossos paes e nossas mães conheceram. Chamam-se pela maior parte do Sagrado Coração de Jesus, do Sagrado Coração de Maria, de Jesus Maria José, da Divina Providencia, etc, o que prova mesmo serem de data recente.

Essas congregações, ao contrario das antigas, esforçam-se por impregnar o espirito das raparigas d'um mysticismo ultra, d'um mysticismo singular; exaggerações intellectuaes que se ligam intimamente com o que se poderia chamar o organicismo mais material do mundo.

Ao passo que outr'ora havia o maximo cuidado, nas questões de dogmas, nas narrações de lendas e nas historias religiosas em tocar de leve em certas circumstancias delicadas, sobre as quaes não é bom que se detenha o espirito das creanças, principalmente das raparigas, hoje, pelo contrario, parece que ha prazer em o fixar ali, para onde o atraem com processos intellectuaes que são os mais curiosos e os mais perigosos do mundo. Sob esse ponto de vista eu não conheço livro mais interessante que o das *Meditações sobre a vida e os mysterios de Nosso Jesus Christo*, segundo o methodo de Santo Ignacio e segundo os celebres exercicios do fundador da ordem. Estes livros são dedicados ás raparigas, e este faz parte do ensino das pensionistas do Sagrado Coração de Jesus.

Percorrendo, fica-se pasmado de vêr, sob o ponto de vista dos assumptos estudados e da maneira de os estudar, o modo verdadeiramente temivel como se procede no seio d'esses estabelecimentos que pertencem todos a congregações não permittidas por lei.

Sob o ponto de vista do methodo, é uma exaggeração de mysticismo que tende a collocar a rapariga absolutamente fóra do mundo, dos conhecimentos exteriores e das impressões temporaes que a cercam. Ella deve collocar-se n'um logar obscuro e silencioso, isolar-se, abstrahir de todas as cousas, concentrar o seu espirito sobre um ponto particular d'uma histo-

ria religiosa, fixa-lo ali, sentidos e alma, com uma attenção absoluta. E medita; ha preludios, orações preparatorias, um conjunto de manobras e de processos em virtude dos quaes chega a isolar-se inteiramente do mundo.

Então, caso extremamente curioso, essa rapariga, n'esse estado de quasi somnambulismo, adormecida por assim dizer, afastada d'este mundo, é chamada a pôr em exercicio todos os seus sentidos, uns apoz outros, e a applicalos ao objecto sobre que fixou o espirito e que está ali presente, de certa fôrma vivo deante d'ella. Ha n'isto, meus senhores, (1) não hesito em dize-lo, *todas as condições d'uma allucinação preparada e organizada.*

Depois de cada uma das meditações vem o que se chama a applicação dos sentidos; é a vista, o ouvido, o cheiro, o gosto, e por fim o tacto. Eis pelo que diz respeito ao methodo.

Vede, senhores, que methodo tão perigoso! Os que o inventaram ou antes os que o applicaram não a religiosas, como queria Santo Ignacio, mas a raparigas que se hão de tornar mulheres, são verdadeiramente culpados e *responsaveis por muitas loucuras.*

Já vimos, pois, o que diz respeito ao methodo. Até aqui não me tenho sentido embarçado, porque não transpuz os limites do que se poderia chamar a applicação da medicina á pedagogia; mas confesso que me vou sentir embarçado agora para falar dos assumptos que são tratados n'essas meditações, e para fazer citações textuaes. Entretanto, é necessario indica-los. Ora, sabeis sobre que se chama particularmente a attenção das raparigas? E' sobre a Anunciação, por exemplo. Ha uma duzia de meditações sobre a Anunciação e as suas consequências. (*Risos.*) Tres ou quatro meditações sobre a vida occulta de Jesus no seio de sua mãe, meditações em que a rapariga é convidada não só a reflectir, mas a pôr-se em estado d'interrogar, por cada um dos seus sentidos, a situação actual de Jesus. (*Exclamações.*)

Depois da Anunciação é a Visitação, com a mesma ordem de questões. Mas vae-se muito mais longe. Eis duas paginas inteiras de meditações sobre a contemplação, e depois sobre a applicação dos sentidos á circumscrição. (2) (*Exclamações e risos.* — *Vozes:* — *Olhe que está gente nas tribunas!*) E' certo, senhores, e eu declaro que hesito. Mas confessae que é uma situação bem singular esta em que me encontro de não poder dizer na tribuna franceza, n'uma assembleia de homens, perante um auditorio adulto, o que se faz e escreve para ser lido, meditado, reflectido em particular por uma menina. (*Viva approvação e calorosos applausos no centro e na esquerda.*)

Por conseguinte Paulo Bert, o

(1) Paulo Bert está proferindo um discurso na camara dos deputados.

(2) Operação que consiste no corte do prepucio.

distincto homem de sciencia, está de accordo com todos os outros sabios que citamos sobre a circumstancia do mysticismo produzir a allucinação e a loucura. Por conseguinte as torpezas e as asneiras que Santa Thereza praticava e lançava pela bocca fóra são as mesmas torpezas e as mesmas asneiras que hoje se praticam e reproduzem. Emfim, as perturbações physiologicas que desenvolvemos no ultimo artigo são perfeitamente confirmadas pelo que ali fica transcripto. As paixões a que Letourneau se refere, o desvairamento, a allucinação, e os processos empregados para chegar a essa exaltação nervosa, são as mesmas allucinações e os mesmos processos que Paulo Bert aponta na acção do clericalismo sobre as raparigas. E tiradas todas as duvidas a esse respeito, limitemo-nos por hoje a transcrever as observações scientificas de Delaunay sobre o padre, para no numero seguinte voltarmos com Letourneau a estudar profundamente o jogo e as consequências que resultam da acção do mysticismo sobre os individuos, estudo primoroso que será o fecho das deducções scientificas que temos vindo estudando e tirando.

Segundo Delaunay o ecclesiastico é um typo inferior. A verticalidade é um caracter de superioridade, mais pronunciado no homem civilizado de que no selvagem; Delaunay estabelece que os ecclesiasticos são menos verticaes de que os seculares. Verdade que se demonstra perfeitamente na pratica. Porque é um facto que o padre, em geral, e nunca se argumenta com excepções, é menos elegante, mais curvado e obtuso que o geral dos seculares. Circumstancia que poderá parecer insignificante aos ignorantes. Mas que nem por isso deixa de representar inferioridade, ou decadencia, nem de encontrar a sua razão de ser, scientificamente, na vida espirital, social e material do padre, como veremos.

A proeminencia do lado direito, a *direitura*, é outro signal de superioridade. Ora a direitura, talvez pela vida sedentaria do padre, não só sedentaria, como muito *animalizada*, é menos pronunciada nos ecclesiasticos de que nos seculares.

Os religiosos em geral tem o thorax mais estreito, o sangue pobre. A urina é menos densa, menos córada, menos rica em materias fixas que a dos seculares. Tem a cabeça mais pequena que a dos seculares, geralmente de 56 c. ou 56 e meio d'entrada, quando a média observada é de 57. Por conseguinte devem possuir 1:300 gr. ou pouco mais de materia cerebral. A maior parte são dolichocephalos (de cabeça comprida e estreita); a parte posterior do craneo é mais desenvolvida do que a anterior; tem a fronte estreita, ou abobadas superciliarias salientes e o labio inferior sahido, caracteristicos de fraqueza intellectual, o que ainda é perfeitamente explicavel. De fa-

cto, o cerebro educa-se e desenvolve-se com um exercicio salutar como todos os órgãos. E pelo mesmo motivo definha e enfraquece n'um meio atrophiante. Ora a vida materiaeira do padre não tende a desenvolver-lhe o cerebro. Por outro lado o dogma, o mysterio, a nebulosidade que encerra o principio clerical, são elementos de força para o comprimir e bestialisar. Se lhe juntarmos o celibato, que, ou produza a devassidão, ou a continencia, é sempre uma força de degenerescencia, em logar de caso para admiração, acharemos naturalissima a decadencia intellectual do padre. E como em toda a série dos vertebrados e nas raças humanas os lobulos frontaes, hoje considerados a sede da intelligencia, se desenvolvem, desenvolvendo o frontal, á medida que a mesma intelligencia cresce, como a fôrma craneana segue e obedece geralmente ás transformações internas, ali temos a razão clara das affirmações de Delaunay que, em vez de pueris, são profundamente sensatas e racionais.

E' ainda nos factos atraz referidos que se encontra a explicação d'uma observação do dr. Le Bon, segundo a qual o heato tem uma capacidade craneana inferior em 50 c. cubicos á dos outros individuos. Ora o celebre dr. Broca demonstrou que a capacidade craneana dos parisienses cresce 5 centimetros cubicos por seculo. Logo os clericos andam atrazados 40 seculos á civilização. E' uma affirmação gratuita? Não, que se funda na mais rigorosa observação scientifica. E se viermos para o mundo pratico, e se olharmos para os absurdos que o clericalismo ainda hoje defende e propaga, não teremos custo nenhum em os julgar muitas vezes, ainda tanto ou mais atrazados que os fanaticos da idade média. Pelo contrario, na aberração religiosa, no absurdo do dogma, na heresia do milagre, ha hoje a estupidez e o fanatismo que não havia na idade média. E como a acção clerical persistente de seculos não passou impunemente por cima do cerebro humano, não custa nada admitir as conclusões acima referidas para as familias que receberam mais directamente a influencia do clericalismo como são essas que ainda hoje fornecem pela maior parte o recrutamento do clero.

Emfim, para se vêr a relação do crime com a influencia clerical diremos ainda que de 1871 a 1879 foram condemnados em França por ataques ao pudor 76 professores monasticos e 184 seculares. Havendo 42:249 dos seculares e 9:469 dos primeiros, resulta que houve nos seculares uma condemnação por 230 individuos e nos monasticos 1 por 124. E segundo a estatística do mesmo paiz endoideceram durante o anno de 1853, com 482 individuos de todas as classes, 341 ecclesiasticos!! Numero espantoso de doídos, que mais vem confirmar a nossa these!

No domingo acabaremos de

tificos, os horriveis efeitos do clericalismo. Hoje não temos espaço para mais.

OS QUADRILHEIROS

(APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA COMPANHIA DOS MALANDROS)

Um dia estava um amigo nosso no escriptorio d'um dos mais importantes, honrados e bemquistos negociantes d'esta praça. Entrou um individuo com uma carta de recommendação, em que se pedia ao referido negociante que auxiliasse o portador na cobrança de varias dividas de vinho por elle fornecido para Aveiro. De todos esses calotes o maior era o do Manuel Firmino, que devia ao homem umas 10 pipas de vinho.

O negociante depois de lêr a carta respondeu ao homem que de todos elle receberia o dinheiro, menos do Manuel Firmino, e que era melhor não pensar mais n'esse sujeito porque calote que elle pregasse era alma cahida no inferno. O portador replicou logo que tambem estava d'isso quasi convencido, porque já não sabia o numero de vezes que tinha procurado receber, de balde, o seu dinheiro, sendo sempre despedido com evasivas e promessas illusorias e até nas ultimas vezes mal tratado de palavras.

Estava presente um honrado capitão de marinha mercante que, a proposito, contou o seguinte:

«Estava eu na Figueira a lêr um jornal no escriptorio d'um commerciante (um tal sr. Lucas) quando ouvi lêr uma carta em que se pediam de Aveiro dois hiates de sal. Fiquei espantado, porque o sal estava mais barato em Aveiro do que na Figueira e abundante no mercado.

— Quem faz esse pedido? perguntei eu.

— E' um tal Manuel Firmino d'Almeida Maia.

— Oh! senhor, pelo amor de Deus! Olhe que isso é um logro!

— Como assim?

— E' claro. O sal em Aveiro está mais barato do que na Figueira. Não falta n'aquella terra. D'aqui para lá ainda accresce o transporte. Por conseguinte andaria ali circumstancia extraordinaria com qualquer, e perfeitamente explicavel com o Manuel Firmino.

E, accrescentou o cavalheiro referido, contei-lhe o que era o Manuel Firmino. E, estabelecidos os precedentes, foi facil tirar a conclusão. O capitão mandava vir o sal; vendia-o pelo preço do mercado e não pagava ao negociante da Figueira. Por conseguinte era lucro certo e inteiro.

Hein? E então? E' ou não é um verdadeiro capitão de ladrões?

Ha calotes e calotes. Nenhum calote é sympathico. Mas, emfim, a maior parte d'elles attenuam-se e alguns se justificam. Porém, o que o Manuel Firmino faz não é calote. E' roubo, é gatunice reles.

Elle bebeu dez pipas de vinho? Não. Ainda se elle as bebesse e depois as não podesse pagar por qualquer circumstancia poderia ser um bebedor e nada mais. Não era bonito. Todavia, antes, mil vezes, ser Enguia do que ser Manuel Firmino. Mas não, elle não as beben. Vendeu-as! Evendeu-as sem pagar ao dono! E mandou-as vir já com o proposito firme de as não pagar! Logo, não é um simples caloteiro. E' um ladrão, o que faz sua differença.

Com a historia do sal a mesma coisa. Pois então não é claro o proposito firme d'aquelle patife? Pois então se elle quizesse negociar honradamente comprava o sal mais caro de que o preço porque elle corria na praça em que o queria vender, com a circumstancia importante de ter ainda de pagar os transportes? De fórma nenhuma. Logo encomendava-o sem tenção nenhuma de o pagar. Logo é um ladrão.

Por conseguinte, já os leitores sabem a historia da Maria das Bolotas. Já sabem a historia do sal e do vinho. Pois não de saber centenas de historias como essas. Vão sommando, que nós não estamos para contar tudo n'um dia. Isso era o que elle queria, o capitão dos ladrões! Nós contávamos tudo n'um dia e elle ficava livre de nós e portanto contente como um rato n'uma manta de toucinho. Nada, isto ha de ir devagarinho.

Porém, desde já avisámos os leitores do seguinte:

No Domingo contaremos a historia infamissima da letra em que o sr. Manuel Firmino negou a sua assignatura. Ha n'este paiz um governador civil que nega a sua assignatura em letras onde figura como devedor. Isto diz tudo. Isto ainda é mais vil que a historia da Maria das Bolotas. Isto é a maior infamia que um homem pode praticar. Pois praticou-a o governador civil que introduziu as irmãs da caridade na patria de José Estevão. Pois praticou-a um funcionario superior que o sr. José Luciano de Castro applaude, protege e defende.

A tanto chegou o constitucionalismo em Portugal. Infames, infames, com vezes infames!

Relação das letras protestadas ao 1.º sargento da companhia dos malandros, em que elle figura como devedor:

- Dos srs. Rodrigues & Rodrigues—Lisboa.
Da Empreza Industrial Portuqueza—Lisboa.
Do sr. A. Neves Dias de Freitas.—Deposito de vidros da fabrica da Marinha Grande—Porto.
Do sr. Eduardo Paiva—Porto.
Do sr. Antonio José da Silva Teixeira—Porto.
Do sr. Constantino d'Almeida—Porto.
Do sr. Carlos Roque—Porto.
Do sr. Antonio José Lisboa—Braga.
Do sr. Fructuoso do Nascimento Leite—Coimbra.
Do sr. Antão José Dias (duas)—Vianna do Castello.
Do sr. Austin Woode & C.—Londres.
Do sr. H. W. Caslon & C.—Londres.
Do sr. Deberny & C.—Paris.

Note-se que este patife não é negociante. Se o fóra, ainda se comprehendia o protesto de tantas letras. Assim só se comprehende por ladroeira, por marteira, por escroquerie.

No domingo contaremos tambem as infamias que se ligam a essas letras e a um rol de calotes que temos em nosso poder.

Não cessaremos de repetir: Ha na Penitenciaría muito infeliz com muitos menos crimes do que o governador civil de Aveiro e um infame

que foi ha dois dias administrador d'este concelho.

E são esses os dois malandros que nos chamam aos tribunales e que pedem ao juiz que nos metta na cadeia!

Oh, céos! se nós ainda vamos em cima para a cadeia, realmente a sociedade e a justiça portuqueza tocaram o auge da immortalidade e da glorificação!

Continuaremos no domingo.

CONFRONTEM

N'um officio dirigido pelo presidente da Exposição Industrial Portuqueza, o director do Commercio de Portugal, João Christostomo Melicio, a commissão do monumento a José Estevão, officio que sentimos não ter espaço para publicar e em que se pede permissão para a estatua ser exposta em Lisboa antes de vir para Aveiro, têm-se estes periodos memoraveis:

V. ex.ª já sabe que me quero referir á estatua de José Estevão Coelho de Magalhães, que a honrada commissão da presidencia de v. ex.ª vae erigir na principal praça d'essa cidade.

E' com effeito essa obra de vulto que só pelo seu trabalho artistico é um verdadeiro monumento, que eu desejava que antes de ser conduzida ao seu destino, fosse exposta no recinto da Exposição Industrial Portuqueza, como dupla homenagem—á memoria do grande tribuno, honra do nosso paiz e gloria da sua terra natal e aos officiaes, artistas e operarios que collaboram n'essa bella obra de esculptura e de fandição.

Creia v. ex.ª que a apresentação da estatua do primeiro orador portuquez—do Deus da palavra—na Exposição Industrial, causará a todos os liberaes a mais agradável impressão e que ninguém deixará de apreciar com o devido louvor a amavel concendencia de v. ex.ª e de seus dignos collegas, fazendo-nos tão generosa concessão.

Não devo occultar que este desejo da commissão executiva da Exposição Industrial é compartilhado calorosamente por todo o pessoal superior e por toda a classe operaria do arsenal do exercito e que a annuencia de v. ex.ª a estas minhas instancias será para nós todos tida como uma alta prova da superior intelligencia e acrisolado civismo d'essa esclarecida e respeitavel commissão.

E demais, ex.ª sr., sendo a Exposição uma festa do progresso e da liberdade, a quem melhor do que a José Estevão cabe um lugar de distincção n'essa festa? Elle que combateu com a espada nos campos de batalha pela liberdade, elle que combateu na tribuna e imprensa com a palavra e com a penna pelo progresso, elle vivo seria o primeiro a saudar com entusiasmo o fructo do seu valor como soldado, de seus esforços como escriptor, da sua dedicação como parlamentar; pois morto sejamos nós a saudal-o em estatua e a levantarmos á sua memoria querida, aos pés d'essa estatua, um altar onde deponhamos as offerendas da nossa admiração, do nosso reconhecimento e da nossa saudade, exactamente n'esse vasto recinto onde tudo que nos cerca nos recorda o que devemos aos cidadãos eminentes como elle, que nos prepararam a era de tolerancia e de paz, que permite estas expansões da nossa vitalidade e do nosso adeantamento.

Veja-se como homens da cathedra do sr. João Christostomo Melicio se referem a José Estevão. Para esse canalha d'esse fernando cego, então, é para esse porco do manel ceguinho, com applauso do manel do olho vivo e de toda a companhia dos malandros José Estevão é por muito favor... o primeiro orador do districto!

Só com uma tranca.

A SUBSCRIÇÃO PUBLICA

Razão tínhamos nós em escrever no numero passado que não tínhamos recebido algum de nos sujeitar á prova da subscrição publica. «Ou a cidade é por nós, exclamámos, ou é contra nós. Estâmos certos de que é por nós. Dizem-no as representações publicas, dizem-no os comícios, dillo a voz do povo, que é a voz de Deus, n'esse clamor anonymo, mas enorme e ameaçador como as vagas, que se sente d'um extremo ao outro da cidade. Entretanto, eis ahí a ultima prova e a mais grave porque fere as algibeiras. E' feroz, como de tigre batido no covil, a perseguição que se move a este jornal. Se é firme e resoluta a attitudde d'esta terra em não tolerar por mais um dia o protectorado aviltante d'um regulo dissoluto, insolentissimo e devasso, correrão todos a ajudar-nos e a amparar-nos no combate. E d'essa fórma o Manuel Firmino leva o mais valente pontapé que poderia imaginar. Se nós ficarmos sós é porque se acabaram os brios d'esta raça tão notavel e que tão grandes creações deu ao paiz. E, então, tristes, mas não desalentados nem vencidos, teremos ainda as barricadas, onde cahiremos mortos, mas nunca derrotados, para gritar até ao ultimo alento:—Ladrões, infames e devassos! Sois a deshonra d'esta terra, onde nasceu José Estevão! Sois a mancha negra d'esta raça heroica, que esculpiu o seu nome em letras d'ouro na historia da liberdade e da civilisação! Sois a vergonha, prostitutas vis, gatunos sem sombras de pudor, d'esta honrada familia aveirense, que se orgulha do nome immaculado de seus avos e que tanto se ufanava em manter intacta a herança n'um labutar constante pela causa do bem e da virtude. Sois uns grandes miseraveis, uns infamissimos tratantes, vos para quem não valem nem respeito de glorias passadas, nem gratidão aos que honraram o nosso nome na historia nacional, nem amor pelas cinzas que descaçam entre nos, nem zelo pela educação de nossos filhos, que nas nossas virtudes ou nos nossos vícios não de aprender as lições da vida e os exemplos a seguir na estrada do futuro. Criminosos de coração de pedra, para quem não haverá uma palavra de perdão nas almas puras que um dia venham a ter noticia da vossa existencia, ou uma circumstancia atenuante na historia, se vos julgar dignos das suas ethumações ou das suas referencias!»

Tal era o sentido do nosso ultimo artigo, sentido que o povo comprehendeu perfeitamente, como o attesta o primeiro resultado, altamente lisongeiro, da subscrição publica. A cidade é por nós contra o governador civil. Eis a confirmação plena, que realta indiscutivel, das verbas que vão publicadas em seguida. Raramente, ou nunca, n'uma pendencia politica, um semanario qualquer, que nunca tem os recursos de publicidade e influencia d'um diario, alcançou cem mil réis n'uma primeira lista de subscrição. Desde já se pôde prever, com todas as probabilidades de acertar, que subirá a centos de mil réis a subscrição aberta pelo Povo de Aveiro, o que não representa nenhum favor pessoal por nós, mas dois factos importantissimos e da mais poderosa influencia nas questões que se debatem:

1.º Que é firme, resoluta, decidida e inabalavel a attitudde hostil da população de Aveiro contra as irmãs da caridade, attitudde que se agrava e irrita dia a dia e que acabará por se impôr em

tristes e lamentaveis conflictos, se os poderes publicos continuam a desrespeita-la como a teem desrespeitado até aqui. Ha quatro mezes que se ventila esta questão. E quando o nosso povo é tão caracteristico pela sua indifferença e pela facilidade com que esquece todos os agravos, a população de Aveiro, em lugar de afrouxar, tem vindo n'um crescendo caracteristico de indignação e resistencia, o que é altamente significativo.

2.º Que não é menos firme, nem menos resoluta, nem menos decidida, nem menos inabalavel a resolução, em que permanece o povo d'esta terra, de correr com a infamissima companhia dos malandros, que nos avilta e degrada aos olhos dos estranhos. A brisa população aveirense, e estâmos certos que a de todo o districto que já começou a lavar o seu protesto e que não deixará de se unir decididamente á sua capital na lucta nobilissima que encetou, lucta de brio, de pundonor, de rehabilitação, não tolera por mais tempo o governador civil substituto Manuel Firmino d'Almeida Maia.

E' o que dizem os acontecimentos. E' o que está provado até á evidencia. A população de Aveiro fala pela nossa subscrição, e amanhã falará todo o districto honrado e honesto, dizendo alto e bom som:

«Nos não queremos esse caloteiro infame, que nos envergonha com as suas alicantinas repetidas e constantes. Nos não queremos esse ladrão impudente, que rouba os seus administrados, que rouba os estranhos, que rouba os cofres publicos, que rouba tudo quanto encontre. Nos não queremos essa baixa creatura, que escreve cartas indignas a mendigar aos assignantes do seu jornal. Emfim, é preciso correr a pontapés toda essa malandragem que o segue, desde o fernando cego até ao manel ceguinho. Abaixo o Manuel Firmino e toda a companhia dos malandros.»

Tal é o grito da consciencia publica patenteado pelas verbas que abaixo se vão ler. Eis os dois factos salientes do resultado da nossa subscrição. Ahí fica a conclusão moral que d'ella se deduz. E á parte o auxilio material que ella nos traz, bastaria esse effeito moral, tão significativo, tão eloquente, para que tanto os leitores, como nós, nos dessemos por satisfeitos e contentes da idéa da subscrição publica.

E para terminar vamos declarar o seguinte. E' possivel que não se obtenham quantias sufficientes para se fazer face aos processos, que a companhia dos malandros começou a requerer contra nós, mas tambem é possivel que succeda o contrario. Se as quantias subscriptas excederem as despesas criminaes, será o restante entregue á Santa Casa da Misericórdia, quando as irmãs da caridade d'alli forem expulsas e se tiver restabelecido a moralidade e a lei n'aquella instituição pia. E em qualquer caso, para correctivo final da companhia dos malandros a fim de que aprendam a ser honestos, serão escriptos aqui publicadas e documentadas as despesas feitas, a fim de que o publico saiba como foi gasto o seu dinheiro e de que ninguém possa imaginar que o Povo de Aveiro quererá para si cinco réis das quantias sobscriptas.

Subscrição aberta pelo jornal o «Povo de Aveiro» para occorrer ás despesas dos processos que lhe move o governador civil substituto e mais malandros de que o mesmo governador civil é capitão, por este jornal haver defendido a honra e as

tradições da sua terra vilmente offendidas com a introdução das irmãs da caridade no hospital civil e por ter zelado a causa da moralidade publica e desaggravado o nome do districto de Aveiro pondo a nu as pustulas do sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia.

Table with names and amounts: Joaquim Fontes Pereira de Mello... 500, Joanna Rosa de Jesus Columna... 200, Acacio Vieira da Rosa... 400, I. S. P... 500, Um defensor da Liberdade... 500, Um inimigo das trevas... 100, Uma victima do pae dos pobres... 100, Anonymo... 500, Uma victima do pae dos pobres... 500, Um amigo da luz... 200, João de Mello Saraiva... 300, Um veterano da Liberdade... 500, Anonymo... 200, J. Soares d'Oliveira... 200, Engracia Rosa de Jesus... 200, J. M. dos Santos... 200, Joaquim José Pinto Valente... 500, Firmino dos Santos... 50, D. Manuel da Costa... 2000, F. F. (até ver)... 500, João Honorato da Fonseca Regalla... 4500, Um que tem saudades do «Fantasma»... 500, João Pedro Soares... 4500, Luiz da Naia e Silva... 4500, Um liberal... 4500, Um aveirense residente em Lisboa... 25250, Um inimigo da malandragem... 4500, Um que não sympathisa com o «Agua Forte»... 25000, Anonymo... 500, Eduardo Arvins... 4500, José M. Gonçalves... 40, Anonymo... 15000, Anonymo... 500, Guilherme Augusto Pinto Lourenço Osorio... 200, Samuel T. Maia... 100, Um inimigo dos jesuitas... 100, Um patriota... 200, Lourenço Brandão... 300, Elisa Pereira Condessa... 200, Um inimigo do tenente dos malandros... 300, Manuel José de Mattos Junior... 15000, F. J. C... 500, João Pinto de Miranda... 500, Jeronymo Marques d'Oliveira... 500, Um amigo do «Muleta»... 300, Joaquim Ferreira Martins... 500, Um admirador da luneta do manel ceguinho... 200, José Marques d'Almeida Antonio dos Santos... 50, Um admirador de José Estevão... 95000, Abel Ferreira... 100, Engracia Rosa... 200, Uma republicana admiradora de José Estevão... 100, Agostinho Fontes Pereira de Mello... 200, Domingos Vieira Guimarães... 200, Pedro Gonçalves... 60, Manuel Nunes da Silva... 300, Um cidadão... 1200, Antonio Marques de Almeida... 500, Eduardo Rodrigues d'Oliveira... 100, Um livre pensador... 200, Eugenia da Maia... 500, Engracia da Conceição... 200, Z. da Maia... 60, Alfredo Pinto... 200, Joaquim Nunes... 100, Domingos dos Reis... 100, Albano da Costa Pereira... 200, José Gonçalves Moreira... 4500, Um liberal... 4500, João da Naia e Silva... 25000, Uma victima do fernando cego... 4500, Antonio Augusto de Mello... 500, Domingos Luiz Valente de Almeida... 15000, E. Vieira... 100, João Lopes Ferreira... 100

Transporte.....	748610
Anna de Jesus.....	8200
Maria Carolina.....	8400
Gaspar Ferreira da Silva	8200
José Marques d'Azvedo.	28000
Um que não é da seita..	18000
Eduardo A. F. Osorio...	8500
P. M. (entretanto).....	48500
João da Silva.....	18500
Um admirador de José Estevão.....	48500
Dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo.....	48500
Dr. Jayme de Magalhães Lima.....	98000
Um anonymo pela justa causa.....	18000
Manuel Gonçalves.....	60
Manuel Gonçalves Junior	30
Anonymo.....	48500
Um que não prega cães.	8200
	1088750

(Segue.)

Por absoluta falta d'espaco retiramos o artigo *Excavando* e outros.

MALANDROS

Diz o *Districto de Aveiro* que na representação a favor das irmãs da caridade ha assignaturas em duplicado; dictas de quarenta maiores contribuintes... sem eira nem beira; e dictas de proprietarios sem propriedades, fóra as 42 senhoras e meninas que protestam contra a moda do pae Adão para andarem a cavallo nos homens em... direitos civis e politicos.

Ora você sempre arranja cada uma, seu cabeça de parú em peçoço de toiro! Então com que não bastava as meninas terem mais direito que os irmãos da Santa Casa, hein? Enfim, isso já se comprehendia attendendo a que você, cavalleiro glorioso das meninas, é capaz de quebrar por ellas mil lanças, com mais galhardia e arrojo que o D. Magriço dos doze d'Inglaterra. Ora agora que você também arranjas assignaturas em duplicado, e de quarenta maiores contribuintes sem eira nem beira, e de proprietarios sem propriedades, tudo para apregoar as economias dos porcos, que dêram em economias de vaza barbis. É que não é de D. Magriço, é de D. Gallego.

E tudo aquillo com inteiro desprendimento de preocupações partidarias, inspirados por sentimentos d'ordem, de verdade e de justiça, com louvor e applauso de todas as pessoas sensatas não só da cidade, mas também do concelho e do districto!

Sim, sr., seu cavalleiro D. Gallego e rocinante, lá bom calção era você se tivesse mão de redea. Assim monta, mas parado. Quando quer dirigir o cavallo vae-se metter no atoleiro.

Ora deixe estar que lhe havemos de dar umas lições d'equitação, figurando você pela passiva. Vamos abrir uma secção especial para esse genero de divertimentos. A capa está passado. De curro já está farto. Pois então vamos lá para o picadeiro.

Carta da Bairrada

Agosto, 2.

Excepcional e extraordinario o verão d'este anno! Perante a baixa temperatura em que se conserva o mez de julho, pôde dizer-se que a agricultura local, sobretudo o ramo vinicola, atravessou um periodo rebelde aos clamores dos lavradores e dos vinhateiros. Calor, calor! é que se queria para avigorar os milharaes e para desenvolver a maturação e o crescimento dos cachos.

A Bairrada participa, portanto, dos contratempos que a esta hora affectam as outras regiões agricolas do paiz. As vinhas, e fallamos, já se vê, das que, livres do flagello da phyloxera, tiveram uma rebentação regular e uma nascença promettedora, as vinhas, assoladas pelo frio estemporaneo dos mezes de junho e julho, estão com o fructo enfiado e foram muito perseguidas pelos pa-

rasitas e doenças cryptomagicas. A grande produção em que ao principio se fallou está sujeita á contingencia dos males que já são visiveis e d'outros que porventura surgirão até á colheita. Também se esperava uma razoavel novidade de azeite, e o frio e a humidade constantes fizeram perder o fructo que se dividia nos poucos olivares vigosos que ha pela Bairrada.

A fructa de careço e de pevide essa mesmo apparece contaminada e pouco de appetecer. Enfim o anno agricola, que fóra ha dois mezes bem auspiciado, está presentemente rodeado de taes contratempos que não é facil formar um juizo seguro sobre a sua influencia na economia da população laboriosa da Bairrada, tão cercadas se apresentam as colheitas dos generos que dentro em pouco terão de armazenar-se!

Houve desde janeiro um grande em-pate nos vinhos da colheita de 1887 e os preços baixaram bastante. Actualmente tem-se vendido bastante vinho, tanto para consumo interno, como para exportação para França, aos preços de 185000, 192000 e 202000 réis a pipa de 600 litros.

Poucos, raros viticultores concorrem á exposiçáo de vinhos portuguezes em Berlin. Pois não é por falta de pedidos da parte da commissáo do norte, do agronomo da reiziáo e da propaganda do *Jornal da Bairrada* que por vezes se occupou da vantagem d'esta localidade concorrer áquella exposiçáo.

Bradou-se no deserto, pelo que estamos vendo.

É certo que na actualidade os vinhos dos melhores sitios de produção estão já consumidos, mas ha ainda typos de vinhos de pasto principalmente no concelho de Anadia que podiam levar-se com vantagem á exposiçáo de Berlin. O Estado não pôde fazer mais: fornece vasilhas e paga todos os transportes até Berlin. Estáo espalhadas por toda a Bairrada circulares e impressos elucidativos sobre o assumpto. Officialmente a propaganda foi até onde devia e podia ir. Se a Bairrada não se faz representar, é porque não quer, é porque continua á confiar os seus interesses ao destino, ao acaso, á Virgem, talvez.

Está finalmente decretada a expropriação da quinta dos condes de Anadia para a escola de viticultura da Bairrada. Foi por diante o primitivo plano. Oxalá que aproveite á localidade.

Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Aos srs. assignantes

das localidades onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de mandarem satisfazer os seus debitos, o que desde já agradecemos.

N'um elegantissimo edificio construido de novo, e no mesmo local em que esteve o extinto Hotel Cysne do Vouga, abre hoje um excellente restaurant, propriedade do nosso presado amigo sr. Fernando Homem Christo.

O novo estabelecimento, que tem o nome de Restaurant Cysne do Vouga, acha-se luxuosamente montado, offerecendo aos concorrentes as maiores commodidades. A sua direcção está a cargo da sr.^a Maria Carolina Christo, que allia a uma longa pratica d'estes serviços umas maneiras devéras captivantes.

Podemos desde já garantir que o publico encontrará allí um serviço esmeradissimo e os preços excessivamente baratos.

Ao novo restaurant agouramos um futuro de prosperidades.

Realisa-se hoje á noute, no jardim de Santo Antonio, a ultima das serenatas promovidas pela direcção do Monte-pio, em beneficio do cofre do mesmo.

Tocarão conjuntamente a phylarmonica Amizade e a charanga de cavallaria, executando um programma escolhido.

Ao jardim, meus senhores!

No dia 1 de outubro proximo devem principiar as provas dos concorrentes aos lugares de professores, que se acham vagos em differentes lyceus. A folha official publicou já um decreto estabelecendo as providencias regulamentares dos respectivos concursos.

No lyceu de Aveiro acham-se vagas as cadeiras de philosophia e de latim. O jury para a primeira é assim composto:

Presidente, dr. José Braz de Mendonça Furtado; vogaes, dr. Avelino Cesar Augusto Maria Galisto, dr. Manuel Dias da Silva, Manuel Joaquim Teixeira e Clemente Gomes Pereira de Carvalho; supplentes, dr. José Augusto Sanches da Gama e dr. José Joaquim Lopes Franca.

Para os concorrentes da segunda é o jury assim formado:

Presidente, dr. Damazio Jacintho Fragoso; vogaes, dr. Antonio Henriques da Silva, Gaspar Alves de Frias Eça Ribeiro, Francisco Maria Pereira e Abilio Cesar Henriques de Aguiar; supplentes, dr. Manuel de Azevedo e Gama e dr. José Pereira de Paiva e Pitta.

São seis os concorrentes á cadeira de philosophia e cinco á de latim.

Em viagem de recreio, partiram para o estrangeiro o sr. D. Luiz e a sr.^a D. Maria Pia, as duas principaes cabeças da familia real d'estes reinos.

O rei faz a viagem por mar e a rainha em caminho de ferro, o que não está mesmo nada em harmonia com o tal desvelo da carinhosa enfermeira com que as folhas realengas incensaram ha pouco a sr.^a D. Maria Pia. Coisas...

O contribuinte que vá preparando a bolsa, porque as despesas do passeio hão de ser pagas á sua custa.

Tão certo...

O *Sargento* é o titulo de um novo jornal que acaba de sair á luz, dedicado aos sargentos e musicos do exercito.

Desejamos-lhe um bom futuro.

Consta que nos proximos dias 12 e 19 do corrente haverá duas touradas em Aveiro, na praça do campo de S. João, por conta do seu proprietario.

Manas a menos de real!

Temos em Portugal, pouco mais ou menos, as seguintes qualidades das ditas:

As irmãs da caridade;
As irmãs hospitaleiras;
As do apostolado da oração;
As escravas do coração de Jesus;

As escravas do coração de Maria;

As servas do sagrado coração;
As filhas de Maria;
As de Santa Maria Magdalena;
As irmãsinhas dos pobres;

As irmãs pupillas, que os jesuitas mettem nos conventos de freiras para depois estes lhes ficarem nas mãos;

As irmãs recolhidas;
As irmãs congreganistas das escolas jesuíticas.

Uma verdadeira praga, uma praga infernal, peor que a phyloxera, tão temivel como o cholera.

Livraria Academica é o titulo de um novo estabelecimento, que ha pouco se abriu na Praça do Commercio, cujo proprietario, um rapaz trabalhador e honesto, é digno do favor publico.

N'esta casa encontra-se uma grande variedade de livros, tanto d'instrução como de recreio e bem assim um completo sortimento d'artigos de papelaria e d'escriptorio, que, segundo tivemos occasião de vêr, se vendem por preços extremamente modicos.

Appetecemos-lhe um bom futuro.

* *

Da Democracia Portuguesa:

«Mais uma desgraça. Do collegio dos jesuitas do Barro fugiu um pobre rapaz, victima dos jespitas.

Um pobre rapaz!
Não, um triste louco a quem

os padres do collegio roubaram a luz do entendimento.

Encontraram-n'o em uma villa do Alemtejo, rezando muito, pré-gando a toda a gente, dizendo-se o enviado de Deus para conduzir almas para o reino do céu.

Perdido, evidentemente pela monomania religiosa.

Ha momentos em que a luz do espirito não parece de todo apagada.

Recorda então factos da sua vida collegial, mas pouco dura a lucidez.

O pobre louco vê então os jesuitas que o perseguem ferozmente, e foge de todos parecendo-lhe desobrir em cada um, um jesuita disfarçado.

Sóbe aos montes, esconde-se entre os matagaes e penedias, e quando não vê ninguem reza, reza e reza.

Tem 20 annos o desgraçado!

A companhia tem seculos, e da sua historia as victimas contam-se aos milhares.»

Acha-se assim composta a junta de inspecção militar, ha dias nomeada, para funcionar no districto de Aveiro:

Presidente, o coronel de cavallaria 10, sr. Antonio Correia; vogaes, o cirurgião-mór de infantaria 10, sr. Vicente Ferreira dos Santos, e o cirurgião-ajudante de caçadores 3, sr. Frias Sampaio e Mello.

Baptismo dos seculos:

O primeiro seculo da era christã, foi chamado da redempção.

O segundo, seculo dos Santos.

O terceiro, seculo dos Martyres.

O quarto, seculo dos padres da Igreja.

O quinto, seculo dos barbaros do norte.

O sexto, seculo da jurisprudencia.

O setimo, seculo do mahometismo.

O oitavo, seculo dos serracenos.

O nono, seculo dos normandos.

O decimo, seculo da ignorancia.

O undecimo, seculo das cruzadas.

O duodécimo, seculo das ordens religiosas.

O decimo terceiro, seculo dos turcos.

O decimo quarto, seculo da artilheria.

O decimo quinto, seculo das innovações.

O decimo sexto, seculo das bellas lettras.

O decimo setimo, seculo da marinha e engenharia.

O decimo oitavo, seculo do departamento dos povos.

O decimo nono, seculo das luzes.

Visitou-nos o *Jornal da Bairrada*, folha hebdomadoria excellentemente redigida. Agradecemos e vamos retribuir.

Accusámos a recepção das seguintes publicações, que muito agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculo n.º 28.

— *As Doidas em Pariz*, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Caderneta n.º 38.

Editores, Belem & C.^a, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

— *Historia da Revolução Portuguesa de 1820*, por José d'Arriaga.—Com a costumada regularidade, que muito recommenda os editores d'aquella excellente obra, saiu o fasciculo n.º 27, 4.º do volume III.

— *A Illustração Portuguesa*, revista litteraria e artistica. N.º 53, do 4.º anno.—Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

— *Revista Popular de Conheci-*

mentos *Uteis*, n.º 9. Eis o respectivo summario:

O som (II); A exposiçáo industrial (III); O Ramayna (III); O magnetismo terrestre e o sol; O cão (I); O microscopio e o telescopio (III); A água; O toucador d'uma senhora; Bibliographia; A lactina Bowick; Zymose do leite de mulher; Origens de algumas erupções cutaneas; A antipyrina e o enjoo a bordo; Tramways de ar comprimido; Estatística; Diamantes cahidos do céu; Para tornar a carne tenra; Dormir em comboio; Os dinamarqueses e o commercio de manteiga; Remedio para queimaduras; O maior telescopio do mundo; Creme de flor de lanranja; A telegraphia pelas nuvens.

Zé, olha para isto:

Os botões do vestido com que a rainha se apresentará na recepção de gala, em Italia, custaram 400\$000 réis. E as rendas que adornam essa mesma *toilette* importaram em 18:000\$000 réis!

Que luxo, Zé, que luxo! E tu a matares o corpo com trabalho para não morreres de fome e ainda por cima a pagares todos aquellos botões e rendas!...

Acorda, homem, que te esfolam!...

O engenheiro Rocca acaba de terminar os estudos de um canal maritimo, que a ser construido, dividirá a Italia em duas partes e permittirá aos navios passar de uma a outra costa italiana sem lhes ser preciso dobrar o cabo Lenca.

Segundo o projecto, o canal partirá de Castro, no mar Tyrrhenó e terminará em Fano, no Adriatico. Terá 282 kilometros de extensão, 100 metros de largura e 12 de profundidade.

O seu custo está calculado em 90:000 contos de réis e dará trabalhos a mais de duzentas mil pessoas durante cinco annos.

Pomada Renault

As pessoas que soffrerem de doenças de pelle, escrophulas, syphilis, ulceras, erysipelas, etc., recommendamos o uso d'esta pomada como remedio efficaz para as combater.

Vende-se n'esta redacção.

Contra a debilidade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco, Filhos, por se acharem legalmente autorisados.

Publicações litterarias

NINHOS E OVOS

POR

Eduardo Sequeira

Com 28 gravuras e 16 planchas coloridas, representando 86 variedades de ovos.—1 vol. br., 18000 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importância em estampilhas ou vales do correio á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto.

O PROGRAMMA REPUBLICANO

Carta ao sr. dr. Theophilo Braga a respeito de palavras e de ideias apresentadas no ultimo congresso

POR

LINO DE MACEDO

PREÇO 100 réis.—A venda na livraria Pereira, na rua Augusta, e na Wiltier, na rua do Ouro—Lisboa.

Annuncios

Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

É a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida. Continua a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de MOREIRA & C.^a e a rolha com a firma [fac simile] dos fabricantes.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS

NAS SUAS TÃO ACREDITADAS E SEM RIVAL

MACHINAS PARA COSER

Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS SEM RIVAL MACHINAS

SINGER

ACHAM-SE À VENDA EM AVEIRO

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

**RE
E
N
S**

POR 500 REIS SEMANAES
COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

ADQUIREM-SE AS

MACHINAS PARA COSER

SINGER

com ensino gratis e illimitado em casa do comprador

CONCERTOS GRATIS!

GARANTIA ILLIMITADA

BORDADOS A ALTO RELEVO FEITOS COM LA

EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES

A COMPANHIA FABRIL SINGER

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciencia o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8.000.000.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 28400; quartos a 18200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licenca que nas provincias é de 18500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20).

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetito, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem contar o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25.000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarga-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattimos.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradavel e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira' 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de no-das de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a

alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se à venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Pomada Curativa Vegetal RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais effcaz para curar radicalmente escrophulas, ulcers antigas, varizes, cancro mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escorições, doencas de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflammacões. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, largo dos Trigueiros, 14, 2.ª, Lisboa. Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.

AS CONTAS DA MISERICORDIA

Por nos ter faltado o espaço, não nos temos continuado a referir aos artigos com que o *Correio de Aveiro* tem lançado ao chão as infâmias architectadas dos malandros sobre as suppositas economias que as irmãs da caridade trouxeram ao nosso hospital. Como se sabe, era esse o unico argumento do famoso devasso, provedor da Santa Casa da Misericordia. Ora para que se veja como tudo é mentira, tudo trapaça, tudo infâmia n'essa suja companhia de malandros, resolvemos augmentar a publicidade dos artigos do *Correio de Aveiro*, transcrevendo-os para aqui em folha separada.

Seria escusado o que de nosa-lavra escrevemos sobre o assumpto. O collega disse tudo e disse-o bem. E como para nós de nada valem personalidades, mas apenas o amor da verdade, como não temos outra mira n'esta pendencia senão o triumpho d'uma grande causa de liberdade e de justiça, fazemos nossas as considerações do collega e como taes as offerecemos aos nossos leitores.

Leiam, leiam, que merece ler-se. Acabem de ver como são infames, trapalhões e tratantes. Fartaram-se de apregoar economias e a final as economias redundam em desperdicio e em esbanjamento.

Note-se que as economias seriam o menos. E' uma questão perfeitamente secundaria, como sempre dissemos. Porque não ha economias nenhumas que comprem a deshonra da cidade de Aveiro e que paguem um ultrage á memoria do seu filho mais illustre.

Mas nem as economias existem. Quer dizer—a infâmia é completa, o escarnio e a zombaria tocaram os extremos da paciencia popular. O povo não pôde supportar por mais tempo o desplane com que se manga com elle. Tem de descer á rua a gritar definitivamente:

**Abaixo a companhia dos malandros!
Fora com os pulhas!**

Razão tínhamos nós, quando ha dias pediamos que fossem publicadas as contas da receita e despesa da Misericordia, durante o anno economico findo, para bem se poder avaliar até que ponto eram verdadeiras umas apregoadas economias, de que fazia cavallo de batalha a actual com-

missão directora da irmandade, para justificar a introdução e permanencia das *irmãs de caridade* no hospital d'aquella casa. Em quanto não appareciam as contas, as taes economias, affirmadas com um entono que parecia de quem dizia a verdade, iam correndo mundo, e o caso é que embora duvidássemos d'ellas, não tínhamos fundamento para então as negar.

Hoje mudaram as cousas de figura, e o apparecimento da conta veio finalmente fazer luz sobre o assumpto, e provar mais uma vez que em questões de dinheiro não há que fiar, e principalmente quando elle é administrado pela gente progressista cá da terra. As taes economias não passavam de uma burla com que se pretendia deitar poeira nos olhos dos que, podendo fazer uso d'elles, teimam em não querer ver. Era necessario inventar um pretexto para introduzir as *irmãs de caridade* no hospital, e como, por mais que barafustasse a commissão *tutela*, não encontrasse outro, inventou o das economias, embuste que só mais tarde poderia ser descoberto e que no entretanto ia iludindo os papalvos.

Não ha porém medalha sem reverso, e cedo ou tarde a verdade se deixa ver por entre as falsidades com que tentam mascarar-a. Foi o que succedeu agora. Em vez das economias de que se enfeitavam e pavoneavam os *commissionados*, apparece o augmento de despesa, o desperdicio, o esbanjamento. A gralha perdeu as pennas de pavão com que se enfeitava, e apparece-nos agora com toda a sua negrura, tanto mais repellente quanto a vemos manchada das mais injustas e perfidas insinuações, que não chegam a ferir pessoa alguma, mas que lhe revelam o caracter traçoeiro e mesquinho.

Provamos no nosso ultimo numero, de um modo irresponsivel e irrefutavel, que a despesa do hospital durante o anno findo, comparada com a do anterior, representava um augmento de despesa de 365818 réis, mas não dissemos ainda tudo. Quizemos partir da hypothese de que as circunstancias eram perfeitamente eguaes n'um e outro anno, quando é fora de toda a duvida que o não foram. O preço dos generos alimenticios variou de um anno para outro e de um modo excepcionalmente favoravel para o ultimo.

Não ha abi ninguem que igno-

re a grande baixa de preço que desde o anno passado teve entre nós a carne de porco, a de vacca, o vinho, e alguns outros generos de primeira necessidade. Os generos necessarios para as dietas dos doentes que o anno anterior custavam um dado preço, obtinham-se no ultimo anno por um preço relativamente muito inferior, não porque a tal commissão para isso tivesse concorrido com cousa alguma, mas porque as condições do mercado assim o determinavam. Não iremos agora esmiçar até onde as favoraveis condições do mercado podiam ter levado a redução da despesa no hospital, mas apresentaremos um exemplo que dá uma ideia clara do que no anno ultimo se gastou a mais nas despesas do hospital.

A carne de vacca, para não irmos mais longe, custava o anno passado, isto é o economico de 1886 a 1887, 220 réis, e mais tarde 200 réis, o kilo.

Durante o anno economico findo vendia-se no talho de que se fornece o hospital a 160 réis. Houve portanto no preço d'este genero uma redução de 40 réis, em kilo, e sendo a média diaria do consumo do hospital de 6 a 7 kilos de carne de vacca, é claro que só n'este genero se devia ter gasto menos de 240 réis, a 280 réis, por dia. Tomando a média d'estes dois preços, ou 260 réis, e multiplicando-a pelos 365 dias do anno, teremos que só em carne de vacca se devia este anno ultimo ter gasto a menos a quantia de 945900 réis.

Mas já provamos que da comparação das contas dos dois ultimos annos, resultava para o de 1887 a 1888 um augmento de despesa de 365818 réis. Se agora lhe juntarmos os 945900 réis, que deviam ter sido gastos a menos, teremos representado o augmento de despesa no ultimo anno pela quantia de 1315718 réis. E ainda aqui não ha de ficar, já que são tão petulantes e se atrevem a fazer comparações, como se a honradez e probidade podessem comparar-se com o cinico favoritismo de que usam. Havemos de provar-lhes até á evidencia que a sua administração na Santa Casa tem sido a mais nefasta que ha annos entrou n'aquella instituição de beneficencia com o manto do jesuitismo seguro pelas bayonetas dos soldados.

No que elles se mostram fortes é na diffamação, em que reside toda a sua vantagem. Diffamam por habito, por calculo, e

por systema abusando da lealdade dos adversarios para lhe endossarem em primeira mão os erros que são privativamente seus. Chama-lh'o antes que l'o chamem, é a sua tactica de guerra, e assim vão attribuindo aos adversarios as faltas de que a propria consciencia os accusa. Atirada a publico a calumnia, tem a seu favor a hesitação dos que os não conhecem e que não acreditam ainda que se possa descer tanto abaixo na escala da mentira.

E' assim que os vemos envolvidos no balandru de falsos mezarros ao descerem á praça publica a pretenderem desconceituar os que illegalmente foram substituir. A mentira, porém, resalta de cada palavra que dizem, e querendo mostrar-se superiores aos que se não cangaram de calumniar, conseguem apenas eleva-los ainda mais no conceito publico.

Apregoaram-se como os melhores administradores d'este mundo, e feitas as contas a final, a sua administração sabe mais cara alguns centos de mil réis do que aquella de que diziam mal. Affirmaram que tinham feito economias, e a final essas economias ninguem as vê, ninguem sabe onde estão, e todos vêem em lugar d'ellas unicamente um augmento de despesa, tanto mais consideravel quanto mais favoraveis foram no ultimo anno o preço dos generos consumidos no hospital.

E não venham dizer-nos que foi o systema de arrematação que adoptaram o que lhes produziu essa baixa de preços, porque antes de o terem adoptado já a meza dissolvida o tinha em pratica, havia annos. Se o não sabem é porque não querem, ou porque lhes convem fingir-se desconhecedores d'esta verdade, que os proprios livros da irmandade confirmam plenamente.

Que acto ha pois em toda a sua administração que os recomende ao favor do publico?

O da introdução em Aveiro, e n'uma instituição de beneficencia, das *irmãs de caridade*, que a lei prohibe expressamente que alli estejam?

Sim, é essa unicamente a sua corôa de gloria, de que a cidade offendida lhe ha de ainda um dia pedir severas contas.

*

*

No que aqui temos dito acerca d'estas contas, deixamos já exuberantemente provado que a ultima administração da Santa Casa, a dos *commissionados*, men-

tiu redondamente quando veio a publico affirmar falsa e velhacamente que havia realisado economias sobre a administração anterior. E' já fora de toda a duvida não só que taes economias não existem, nem nunca existiram, não passando de uma reles burla com que insidiosamente se pretendeu illudir o publico, mas que em lugar d'ellas só apparece um augmento de despesa que não tem nem pôde ter justificação possivel.

Mas, não é já só esse augmento de despesa, plenamente provado, em que voltamos a insistir. Temos hoje a denunciar ao publico um facto grave, gravissimo, que compromette altamente os interesses da irmandade, e que deve pôr já de sobre-aviso não só todos os irmãos da Santa Casa, mas ainda todos os mais que tem a peito a conservação de tão util instituição de beneficencia.

Em questão de contas, e mórmente n'estas em que se trata de mostrar a applicação que se deu ao dinheiro dos pobres, não admittimos astucias nem subtilidades, que podem é certo illudir os que as não comprehendem, mas que facilmente são reduzidas a pó pela eloquencia muda dos algarismos. O simples facto de recorrer a semelhantes expedientes denota logo que alguma cousa se pretende esconder do publico, e se alguma cousa se pretende esconder é porque a consciencia de quem assim pratica lhe está segredando o grande erro que commetteu, para o qual falta a franqueza e coragem de o confessar.

A que proposito vem na conta que ultimamente abi se distribuiu, a comparação das verbas da despesa realisada com as calculadas no orçamento? Pois não sabem todos que um orçamento é apenas um calculo mais ou menos aproximado, baseado todo n'uma série de probabilidades que podem falhar e muito, principalmente quando, como no caso presente, ellas estão dependentes de circunstancias impossiveis de avaliar? Pôde acaso alguém prevêr o numero de doentes que ha de entrar n'um hospital durante um anno que vae seguir-se? Ninguem; assim como ninguem tambem pôde saber se o anno que tem diante de si será bom ou mau, saudavel ou doentio, barato ou caro.

O apregoar, pois, a excellencia da sua administração, unicamente porque a despesa realisada ficou á quem da calculada no orça-

mento, e chamar ainda por cima a isso fazer economias, é um disparate de tal ordem que só uma cabeça completamente estonteada pôde recorrer a elle como argumento em seu favor.

Mas, se o argumento lhes servia, porque não fizeram o mesmo com a receita? Porque não compararam também a receita realisa-da com a calculada no orçamento?

Pois vamos nós dizer-lhes a razão porque assim procederam. Foi porque então ficava completamente desmascarada a mentira de que lançaram mão para fugir ás censuras do publico. Porque então ficava o publico sabendo que a receita da Santa Casa diminuiu no ultimo anno 5285669 réis. Porque então ficavam todos sabendo que o rendimento dos fundos, que constituem o capital da irmandade, soffreram este anno um desfalque de 1275280 réis, equivalente a um capital superior a dois contos de réis.

Era isto exactamente o que se pretendia occultar, e é isso que nós vimos hoje denunciar e provar ao publico.

Fallam por nós as suas proprias contas, os seus proprios algarismos, os seus proprios documentos. Nem de outro modo queremos que se dê credito ao que avançamos, porque não vimos aqui no intento de accusar ninguém, mas unica e simplesmente para fender os interesses da Santa Casa, os quaes vemos seriamente ameaçados. Fallem portanto as contas.

As receitas propriamente ditas, foram as seguintes:

	1887	1888
Ordinarias	3.153.711	2.564.801
Eventuaes	1.272.789	1.125.525
Total...	4.426.500	3.690.326

Houve portanto no anno de 1888 uma diminuição de receita arrecadada na importancia de 766.699 réis, sendo 147.264 na receita eventual e 589.695 na ordinaria.

O valor porém dos documentos de receita em divida somma 208.290 réis de augmento em 1888, sendo 163.170 réis na receita ordinaria e 45.120 réis na eventual, ficando portanto a diminuição da receita em 1888 reduzida a 528.566 réis, sendo 423.525 réis na ordinaria e réis 105.041 na eventual.

Ora, a diminuição na despesa effectuada foi 364.560 réis em 1888, visto que o total em 1887 foi de 3.853.626 réis e em 1888 foi 3.489.025 réis. Comparada portanto a diminuição da receita e da despesa de 1888 encontrámos despendido a mais em 1888 a quantia de 164.068 réis ainda além dos 299.600 réis que já provámos que deviam ter sido gastos a menos, por isso que o numero de dias de tratamento no hospital foi menor em 1888 em 1.040 dias pelo menos. Acrescentando ainda a quantia de 94.900 réis que já provámos tambem que se deviam ter gasto a menos no ultimo anno só em carne de vacca, teremos um total de 508.568 réis

despendidos a mais em 1888, ou a representar o prejuizo da administração da commissão actual, comparada com a da meza dissolvida.

E chama-se a isto fazer economias! E' até on le pôde chegar a desfaçatez!

Como, porém, não bastasse ainda esta já enorme deficit da actual administração para deixar ver claramente os intuits com que os commissionedos se introduziram pela força na administração da irmandade, atiraram-se ainda aos rendimentos da Santa Casa para os reduzir e desfalcar. A administração anterior teve sempre a peito ir augmentando annualmente os rendimentos fixos da irmandade, e conseguiu-o. A actual commissão achou má a obra dos seus antecessores, e em vez de cuidar em augmentar esses rendimentos, trata de os reduzir.

São ainda as contas que fallam.

A importancia dos juros dos capitães mutuados foi em 1887 de 364.797 réis e em 1888 foi 342.773 réis, menos 22.024 réis, devendo notar-se que a importancia dos capitães distratados em 1887 foi superior á de 1888 em 75.565 réis e que este dinheiro só pôde ser applicado em capitalisação.

A importancia dos fóros em dinheiro foi em 1887 de 273.326 réis e em 1888 de 233.705 réis, menos 39.621 réis ainda que no anno anterior.

A importancia finalmente dos fóros em genero foi em 1887 de 232.203 réis e em 1888 de réis 153.068, menos tambem 79.135 réis.

Poderão dizer-nos que a diminuição dos rendimentos dos fóros tanto em dinheiro, como em genero, provém de haverem alguns sido vendidos em harmonia com a lei de desamortisação. Muito bem, mas n'esse caso, deve esse rendimento estar muito proximo-mente compensado no augmento do rendimento das inscripções que o governo dá em troca da importancia por que os fóros foram vendidos, e nós vemos que o augmento no rendimento das inscripções foi apenas de 13.500 réis.

Recapitulando, pois, temos:

Diminuição no rendimento de juros de capitães	22.024
Dita no de fóros em genero	79.135
Dita no de fóros em dinheiro	39.621
Total do desfalque..	140.780

Abatendo d'esta quantia a de 13.500 réis que apparece a mais nos juros das inscripções teremos que o desfalque real nos rendimentos fixos da irmandade foi de 127.280 réis, que ao juro de cinco por cento ao anno representa um capital inutilisado na importancia de 55.545 réis.

Aqui está ao que se chama ser bom administrador. Aqui está ao que se acha reduzida a admi-

nistração da Misericordia de Aveiro.

Mas, se as cousas continuam n'este caminho, dentro em pouco não com a Misericordia em terra, e a responsabilidade é dos irmãos que, havendo jurado defender os interesses da irmandade, consentem em que os seus fundos estejam sendo desbaratados por quem não tem o direito de alli estar.

E não havemos de ficar por aqui, porque ha mais e cada vez melhor, e não queremos tornarnos fastidiosos com a agglomeração de algarismos, que se interessam a uns, podem ser indifferentes para outros.

Vá vendo o publico em que mãos cahiu a Misericordia de Aveiro, e o perigo em que ella está de ir pela agua abaixo se tem de conservar-se por muito tempo nas mãos de tal gente.

Publicadas as contas da gerencia da Misericordia de Aveiro relativas ao anno economico de 1887 a 1888 tratámos logo de lhe fazer os reparos que julgamos justos, sem que n'isso nos movessem considerações de qualquer ordem estranhas ao apuramento da verdade, unico fim a que nos propozemos.

Queriamos uma discussão rigorosa e imparcial como a exige a administração de uma Misericordia que, por ser o arrimo dos pobres em lucta com a enfermidade, deve estar fóra da esphera da acção das ambições dos homens. Desejavamos discutir a sério sem nos importarmos com quem.

Baldado intento foi o nosso. Tempo perdido aquelle em que em tal pensámos. Os gerentes da Misericordia que tem já de ha muito o habito de não discutirem a sério fugiram logo para as conjecturas pessoas e insinuações cavilosas, imaginando que assim attenuam o effeito da discussão que encetamos.

E enganam-se. Se quizerem discutir a sério, ao menos por esta vez, encontrar-nos-hão na estacada pela muita consideração que nos merece a administração da Misericordia, unico estabelecimento de caridade a que podem recorrer os doentes pobres de Aveiro. Se continuarem a fugir da comparação dos algarismos no seu rigor mathematico não contem conosco.

Mas não julguem os nossos leitores que, em vista do que acabamos de dizer, damos por finda a nossa tarefa. Não levantaremos mão do assumpto emquanto não julgarmos que toda a verdade está apurada.

Convém averiguar se houve ou não economia para poder avaliar a parte que n'ella tem as irmãs hospitaleiras, se bem que, para nós, essa questão é muito secundaria. Onde se trata de alliviar soffrimentos e salvar vidas a economia é muito secundaria.

Ainda mesmo que nos convençam de que houve na gerencia da Misericordia uma economia real, o que estamos longe de

acreditar, mal diríamos de tal administração se a economia tivesse tido logar á custa do tratamento e commodo dos enfermos.

Que se faça luz clara e que com a discussão aproveitem os irmãos enfermos é a unica coisa que desejamos.

* *

Quanto mais minuciosamente se analysam estas contas, durante o anno economico findo, seja qual fór o lado por que se pretenda encaral-as, mais frisante e manifesta se torna a grande inferioridade da actual administração, a dos commissionedos, comparada com as que a antecederam.

E' realmente triste e desolador que uma instituição que tanto se impõe ao venerando respeito de todos, tão santa nas suas intenções, e que tão grandes beneficos pôde prestar á humanidade, amparando com mão caridosa os pobres e desherdados da fortuna, esteja presentemente sendo entre nós o reducto em que villamente conseguiram introduzir-se, e onde alcançam manter-se unicamente apoiados na força das bayonetas, uns insensatos de indole malevola, sem brios nem dignidade, e completamente desviados pela ambição cega e inconsciente que os devora, de levarem a toda a parte o seu odioso predomínio. E' verdadeiramente lamentavel que taes homens, perdida de toda a razão e as mais sagradas crenças do bem e da justiça, se tenham apoderado assim do patrimonio dos pobres, para lhe estar desvirtuando e enxovalhando o emprego, ao passo que cavilosa e intencionalmente lhe vão preparando a ruina.

Não contentes de, apesar de se dizerem representantes da auctoridade, calcarem aos pés as leis do paiz abrindo de par em par as portas da Santa Casa aos tenebrosos tramás do jesuitismo, tramados odiosos e ainda não esquecidos, tratam ainda de desbaratar os haveres da irmandade, preparando-lhes um futuro difficil e todo cheio das mais negras apprehensões.

A decadencia em que vae caminhando rapidamente a administração da Misericordia d'Aveiro, desde que ella cahiu nas mãos dos progressistas da terra, é por tal modo palpavel e evidente que não admite já a mais ligeira sombra de duvida. Não pôde já haver illusões, nem esperanças de nos havermos enganado. A realidade apparece-nos implacavel e terrivel com todo o seu cortejo de desperdicios, de esbanjamentos, de inutilisação de capitães. As receitas da Santa Casa diminuem de um anno para o outro centos de mil réis, e o que é mais, os rendimentos fixos da irmandade, os que não admittem diminuição por isso que provém dos capitães certos e inalienaveis, esses mesmos diminuíram, como demais o temos provado, em 127.280 réis, isto é: do capital fixo da irmandade inutilisaram-se 2.545.600 réis que não deram rendimento algum!

Mas, como é que isto se faz? Quem indemnisa a Santa Casa d'este desfalque de rendimentos?

Não o sabemos, estamos mesmo perfeitamente convencidos de que ninguém. Sempre nos lembra de ouvir dizer que algumas das corporações religiosas d'esta cidade possuíam em tempo bens e rendimentos que hoje não teem. Para onde foram elles? Ninguém o diz.

Repugnou-nos sempre acreditar que isto fosse verdade, porque não comprehendíamos o processo por que podesse ser feito, e custava-nos a crer que houvesse algum com a coragem de usar d'elle. Hoje desvendou-se o mysterio. Como diz o dictado: todos os caminhos levam a Roma.

E não havemos nós todos, não ha de a cidade inteira protestar energicamente contra semelhante processo de administração?! Teremos acaso voltado aos tempos antigos?!

Voltemos, porém, ás já famosas contas, que estão sendo uma mina inexgotavel de provas as mais cabaes e convincentes de quanto tem sido desastrada, e pernicioso á irmandade a administração dos commissionedos.

Sempre que até agora temos comparado a despesa de 1887 com a de 1888, damos de barato que as respectivas verbas que figuram n'uma e outra conta representam gastos da irmandade. Mas, ha a distinguir entre despesas productivas, e despesas ultimadas, porque aquellas são uma especie de capitalisação, ao passo que estas significam apenas dinheiro despendido que não torna a reaver-se.

Ora, entre as verbas de despesa do anno de 1887, figura a de 139.400 réis com a restauração e reparação da casa do antigo hospital, em que esteve por muitos annos gratuitamente o Asylo de José Estevão, que sahio d'alli por a casa estar completamente inhabitavel.

Esta despesa representa uma capitalisação por que, devido a ella, pôde já a irmandade alugar o predio por 50.000 réis annuaes.

E qual é a verba de despesa na conta de 1888, que venha a dar á irmandade o rendimento de 5 réis?

Nenhuma, absolutamente nenhuma. Abi estão pois mais réis 139.000 a deporem a favor da administração da meza dissolvida, e contra a dos commissionedos. Accrescente-se esta verba ás que já temos apresentado, e vê-se-ha como vae crescendo espantosamente a somma dos desperdicios feitos pela actual administração.

E venham ainda fazer-nos comparações, que nós responder-lhes-hemos apenas: fóra mentirosos! fóra calumniadores! fóra esbanjadores!

Nem as economias existem!!!